

Quatro Características de Empresas do Reino de Alto Rendimento

Phill Sandahl

Tentmaking Briefs, março de 2012

Doze empresas do reino atuando no mesmo país e cultura estavam dando resultados totalmente diferentes. Seis estavam indo bem, atingindo ou ultrapassando seus alvos financeiros e espirituais, e as outras seis lutavam para sobreviver financeiramente e para mostrar um mínimo impacto espiritual. Qual era a diferença? Será que havia fatores em comum que poderiam ajudar outras empresas a identificar melhores práticas e ser mais eficientes? Uma análise de perto dessas empresas revelou alguns temas comuns a elas.

Empresas do reino que estavam dando resultados ministeriais e empresariais positivos tinham, em maior ou menor grau, quatro aspectos em comum:

- Atitude de abençoar
- Transparência quanto a propósito e identidade
- Parceria com igrejas e ministérios locais
- Boa adaptação cultural

Do outro lado, as empresas com baixo rendimento tinham quatro características contrastantes em comum:

- Atitude de converter
- Propósito e identidade ocultos
- Independência em vez de parceria com outros
- Adaptação cultural fraca

Vejamos um por vez.

Abençoar x converter

Empresas que expressavam seu propósito de existência como: ajudar as pessoas em muitos aspectos da sua vida – financeiros, físicos e espirituais – viam mais progresso empresarial e também mais pessoas vindo a Cristo. Descreviam sua missão como abençoar os que tinham contato com ela. Por outro lado, as que respondiam que seu propósito principal era evangelizar, ou converter, as pessoas com quem tinham contato, com frequência enfrentavam dificuldades financeiras.

Por ironia, os que se concentravam em evangelizar acabavam relatando menos convertidos do que os empreendimentos que entendiam seu papel como abençoadores de seus empregados e da sua comunidade. Eles viam sua atividade não como instrumento para melhorar o ambiente social à sua volta, mas apenas como meio para fazer contato com pessoas e convertê-las.

Transparência quanto a identidade e relacionamentos

Os empresários que entendiam que seu papel era abençoar as pessoas sentiam que sua fé era parte importante do que eles eram, e eram francos a respeito disso. Os que queriam converter as pessoas sentiam que sua fé era vista com maus olhos e desenvolveram estratégias de encobrimento. Eram seletivos na escolha das pessoas com quem compartilhavam a fé e, em resultado, tinham menos oportunidades para evangelizar. A pesquisa mostrou que, entre as 12 empresas, as que eram transparentes a respeito de sua identidade eram muito mais eficientes em levar pessoas a Cristo (numa proporção de 48 a 1).

Parceria com grupos locais

Empreendimentos “transparentes” também tinham mais sucesso em estabelecer relacionamentos com outras organizações em sua comunidade. No país em questão, isso incluía ministérios locais, porque o país não impunha restrições a atividades ministeriais tradicionais. Entretanto, os empreendimentos que tinham como alvo “converter” eram mais

retraídos, temendo que relacionamentos próximos poderiam expor seu “disfarce”. Por isso, tinham a tendência de trabalhar de modo mais independente.

Deve ser anotado que esse princípio pode ser mais difícil de adaptar a países “fechados” que reprimem ministérios cristãos organizados. Todavia, o princípio pode ser ampliado para incluir relacionamentos com organizações comunitárias que não têm motivação ministerial. A participação em grupos locais fortalece a identificação com a comunidade e cria múltiplas oportunidades para interação e testemunho da fé.

Adaptação cultural boa x fraca

Empresas com adaptação cultural boa respeitavam a cultura local e trabalhavam de acordo com seus valores e práticas o mais possível. Isso lhes tornava mais fácil construir relacionamentos com os trabalhadores locais e granjear simpatia.

Desse modo, os trabalhadores locais não sentem que precisam negar sua cultura e quem são para poder trabalhar em uma empresa do reino. O giro de funcionários é mais baixo (melhorando a produtividade da empresa), e os relacionamentos de longo prazo proveem muito mais oportunidades para compartilhar e demonstrar o evangelho aos empregados.

“Os empresários que tinham negócios frutíferos e bem sucedidos tinham se adaptado em muitos aspectos à cultura, porém também tinham atuado intencionalmente para se opor a certos aspectos da cultura.” A boa adaptação não significa que não tinham de questionar alguns aspectos não bíblicos da cultura e procurar promover transformação. Muitos hábitos que seguimos são apenas culturais, e podem não ser adequados em outro país. Alguns desses hábitos são contrários à vontade de Deus. Esses têm de ser transformados. “Os administradores que melhor reorientaram seus empregados o faziam com muito cuidado, consciência e coerência.” Não temos espaço neste artigo para ver em detalhes como isso foi conseguido. Basta dizer que somos chamados para fazer os valores do reino vingar no local de trabalho, e que isso deve ser feito com sabedoria e cuidado.

Você é fazedor de tendas, mas não empresário?

Não tem problema. As mesmas conclusões que resultaram da pesquisa das empresas do reino se aplicam ao profissional empregado em uma empresa que não é do reino. A experiência de *Global Opportunities*, acompanhando centenas de fazedores de tendas, é que os mesmos princípios podem ser adaptados e funcionar bem para quem está empregado numa empresa de não crentes.

Tenha uma atitude integral. Entenda que tudo o que você faz deve refletir Cristo que está em você, ser um exemplo e esperança para os que estão à sua volta no lugar em que Deus colocou você. Sua presença e suas ações devem trazer um pedaço do céu para a vida deles.

Você não precisa esconder sua fé. Todo mundo sabe que você é cristão.

Você não deve importunar as pessoas, mas elas precisam saber que podem vir falar com você.

Ruth Siemens diria que você deve dar a entender discretamente: “Eu sei mais sobre Deus e estou disposto a conversar sobre isso”. Depois espere que venham com perguntas.

Participe de atividades da comunidade. Mostre interesse e contribua para o bem comum.

Afirme o que é saudável na cultura e ajude a sanar as feridas causadas pelo pecado.

Adapte-se. Seja flexível. Aprenda a cultura, além da língua.

Um bom curso de preparo transcultural vai ensinar essas e outras técnicas. Cada cultura e situação será um pouco diferente, mas os princípios vão ajudar você a achar o caminho.

Observações

A pesquisa foi feita na Tailândia, um país aberto para missionários tradicionais e com uma atitude positiva em relação a missionários. Outras culturas podem ter dinâmicas diferentes e os princípios podem não produzir os mesmos resultados.

As ideias neste artigo foram adaptadas da pesquisa que Mark Russell apresentou em seu livro *The Missional Entrepreneur*, cap. 11, “Blessers or Converters?” Para mais detalhes, leia os capítulos 10 e 11 desse livro.

Na África, o auxílio estrangeiro pode privar Deus de seu papel como provedor

Dennis M. Okoth, usado com permissão

Em meu país natal, Quênia, orfanatos novos surgem regularmente. Infelizmente, muitos desses empreendimentos têm a única intenção de comer da mão dos necessitados.

E não somente orfanatos. Alguns cristãos africanos abriram escolas bíblicas e colégios que existem apenas para captar auxílio do exterior. Dinheiro destinado a alimentar os pobres e educar jovens cristãos tornou-se salário para os que levantam os recursos.

Quero dizer com isso que os cristãos americanos não deviam mais manter projetos missionários na África? Não, longe disso. Todo trabalho que eleva a dignidade e importância humana deve ser encetado com a excelência esmerada que ele merece.

Minha preocupação são os cristãos africanos que dependem completamente de doadores estrangeiros para se manter. Viver assim rouba de Deus o papel de pai amoroso em quem devíamos confiar completamente para suprir todas as nossas necessidades.

Em meus anos de experiência como educador e conselheiro, tenho visto claramente que alguns dos meus irmãos e irmãs na fé bem-intencionados consideram Deus um instrumento que pode ser manipulado para atender suas necessidades diárias – algum tipo de vaca leiteira. Veem o Todo-poderoso como alguém que precisa ser impressionado para ordenhar dele ganhos materiais sob o disfarce de um ministério ou projeto cristão.

Alguns dos meus compatriotas começaram empreendimentos comerciais e os etiquetaram como “ministérios cristãos” a fim de atrair apoio financeiro. Para eles, manter suas carteiras sempre sintonizadas com o dólar é uma maneira segura de pagar as contas.

Crianças carentes em nossas sociedades têm sido usadas para servir de isca para a simpatia e apoio de fora, para poderem ter uma vida saudável.

Amar os realmente pobres faz parte de seguir a Jesus Cristo. Mas eu tenho visto a dignidade de muitos cristãos africanos destruída quando se tornam dependentes de ajuda estrangeira.

Os benfeitores que coletam e organizam esse apoio com frequência não conhecem as consequências das suas ações. Às vezes leva anos para que aqueles que morderam a isca percebam que foram logrados. Quando alguém tenta acordá-los para a realidade, relutam em admitir sua ingenuidade. Teriam de reconhecer seu erro aos doadores que contribuíram para a obra com desejo sincero de ajudar.

Para romper esse círculo vicioso, temos de treinar nossos jovens e vibrantes soldados cristãos na experiência de que Deus pode suprir suas necessidades por meio das habilidades que generosamente concedeu aos seus filhos. Temos de lhes ensinar que o trabalho duro compensa.

Fazer tendas é um esforço nobre que honra a Deus. Também envia uma mensagem positiva à geração mais jovem, de que Deus abençoa o trabalho.

O diabo, que é inimigo de Deus e dos seus filhos, gostaria que víssemos Deus com outros olhos. Isso me leva a fazer uma pergunta ao povo da África e da América: Quem é Deus para você? Na vida diária, decidimos se a liderança de Deus é melhor que a nossa, se ele é ou não a fonte da nossa alegria.

O determinante mais forte de como gozamos a vida aqui na terra gira em torno de como percebemos Deus. Se entendermos que Deus tem nosso melhor interesse em mente, seguiremos sua liderança em todas as circunstâncias. Deixaremos nossa sobrevivência em suas mãos – não nas mãos de um doador estrangeiro.

Creio que está na hora de dizer “não” aos arranjos financeiros que podem se voltar contra nós – tanto beneficiários como doadores. Temos de ficar do lado certo, mesmo que fiquemos sozinhos.

Dennis M. Okoth, natural do Quênia, é diretor do Messiah Theological Institute em Mbale, Uganda, e trabalha com uma equipe missionária de americanos e africanos. Em breve ele servirá como deão na LivingStone International University, uma universidade em construção em Mbale, mantida pelas igrejas.